



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

O Corpo no Plano

Aluna: Luísa Ramos Caetano

Matrícula: 05/35991

Professor Orientador: Gustavo de Castro

Brasília, DF, 1º semestre de 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

O Corpo no Plano

Projeto experimental apresentado ao Departamento de Audiovisuais e Publicidade da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília para obtenção do grau de graduação em Comunicação Social, habilitação em Audiovisual, sob a orientação do Prof. Dr. Gustavo de Castro.

Banca examinadora:

Prof. Erika Bauer

Prof. Marcos Mendes

SUMÁRIO

Resumo / palavras-chave.....	4
Introdução.....	5

PARTE I – MEMÓRIA DA PESQUISA

Problema da Pesquisa.....	9
Justificativa.....	12
Objetivos.....	14
Referencial Teórico.....	15
Metodologia.....	21
Conclusões.....	32
Referências Bibliográfica e Filmográfica.....	35

PARTE II – PROJETO *O CORPO NO PLANO*

Argumento.....	39
Roteiro.....	44
Cronograma.....	56
Orçamento.....	57
Plano de Divulgação.....	58

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um produto, composto por memória de pesquisa do projeto para a realização de obra audiovisual - argumento, roteiro, orçamento, cronograma e plano de divulgação – e ainda o primeiro corte do filme de 27 minutos, que tem caráter experimental de linguagem, com foco no hibridismo entre o documentário e a ficção. A obra pretende retratar Brasília como palco para representação de experiências urbanas cotidianas diversas - encontros, lugares e vivências -, mesclando personagens não-atores e atores, moradores da cidade, em diferentes espaços e vivências no Plano Piloto. A escolha foi filmar, a partir do método observacional, por meio de entrevistas e também pela proposição de performances. O enquadramento dos corpos no Plano Piloto e no plano cinematográfico dá formato a diversas interações dos personagens com o espaço urbano.

Palavras-chave: 1 - Plano Piloto; 2 – Brasília; 3 – corpo e cidade; 4 - personagens urbanos; 5 – corpo e cidade; 6 - ficção \ documentário.

INTRODUÇÃO

Em 2010, finalizei minha graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, com um produto final em forma de documentário de 20 minutos, intitulado *Entre Vãos*. O curta-metragem apresenta a comunidade quilombola Kalunga do Vão de Almas, em Cavalcante (GO), a partir da protagonista Lizeni, uma menina kalunga de dez anos. A realização desse documentário levou-me a caminhos inesperados do audiovisual trilhados pela participação em festivais nacionais e internacionais de cinema que instigaram ainda mais minha curiosidade intelectual e criativa em torno dos mistérios da sétima arte. Assim, após temporada de estudos filmicos em Buenos Aires, voltei a Brasília com o desafio de cursar uma segunda habilitação em Audiovisual. Frente à possibilidade de realizar um segundo filme como projeto final de curso, encarei como principal obstáculo a falta de recursos para o financiamento. Então, elaborei projeto para captação de apoio financeiro junto ao Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, obtendo sucesso na aprovação.

As ansiedades temáticas também já eram outras, não mais relacionadas ao universo rural de *Entre Vãos*. O foco de investigação mudou de rumo e ajustou-se a uma realidade mais próxima, a urbana. Ao lado das ex-colegas da Faculdade de Comunicação da UnB, Ana Carolina Matias e Camilla Shinoda, montamos um grupo informal de estudos audiovisuais sobre as cidades. Questionamos nosso modo de viver a cidade e o modo das outras pessoas. De quantas formas diferentes podem as pessoas, em sua diversidade, vivenciar a complexidade de uma cidade? E se essa cidade for Brasília com as peculiaridades intrínsecas a um espaço urbano planejado a partir dos ideais da arquitetura modernista? De quantas formas os habitantes poderiam vivenciá-la?

Tratava-se de uma inquietação da equipe pesquisar e trabalhar audiovisualmente questões urbanas e humanas específicas de Brasília, relativas ao planejamento do espaço e ao desenho estrutural do Plano Piloto, com o objetivo de aprofundar o debate sobre a forma de ocupação dos espaços públicos e sobre os diversos modos de vida dos habitantes na Capital Federal.

Assim, para dar conta da dimensão humana no espaço planejado de Brasília, fizemos um recorte baseado no planejamento inicial do urbanista Lucio Costa, vide o início de nosso argumento: *As quatro escalas urbanas planejadas por Lucio Costa para a setorização das atividades e o agenciamento público de espaços no Plano Piloto de Brasília criam relações diferenciadas entre os moradores da capital federal e o espaço urbano. Essas relações originariamente peculiares vão sendo re-significadas e transformadas ao longo dos anos, em um processo contínuo de ampliação de agenciamentos e criação de novos modos de existência dos habitantes, desde o nascimento da cidade em 1960 até os dias de hoje. O espaço vai modificando o habitante e o habitante vai modificando o espaço.*

Com o argumento em mãos e conscientes de que, para materializar nossas inquietações em uma obra audiovisual, precisaríamos levantar recursos financeiros e humanos, configuramos nossa pesquisa em um projeto básico – argumento, orçamento, cronograma e plano de divulgação - que pudesse concorrer no edital do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal de 2013. O plano inicial era realizar um documentário curta-metragem, de até 17 minutos, que apresentaria quatro personagens sociais, não-atores, moradores de Brasília, e seus modos de entrosamento e de intimidade peculiares com determinada escala urbana de forma que cada um dos quatro personagens se tornassem representantes simbólicos de cada uma das quatro escalas.

Após dois indeferimentos seguidos de dois recursos vitoriosos, a proposta foi enfim contemplada pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) na categoria *Criação e Produção*, na modalidade *Realização de curta metragem em HD Estreantes*. O resultado do edital garantiu- nos, em janeiro de 2014, R\$ 31.462,00 para dar andamento ao projeto que foi ganhando novos contornos ao longo das pesquisas de campo, entrevistas, formatação do roteiro, escolha de personagens, filmagens e montagem.

O produto obtido até o presente momento apresentado como trabalho de conclusão de curso é o projeto completo aprovado pelo FAC - argumento, orçamento, cronograma e plano de divulgação -, além do roteiro escrito posteriormente à aprovação do FAC, e

ainda um primeiro corte do filme com 27 minutos. A pesquisadora responsável por este projeto final do curso de Audiovisual realizou as funções de pesquisadora, roteirista e diretora do filme *O Corpo no Plano*.

PARTE I – MEMÓRIA DA PESQUISA

PROBLEMA DA PESQUISA

A inquietação inicial era desvendar a dimensão humana do espaço urbano de Brasília e materializá-la em uma obra audiovisual que apresentasse um possível retrato da cidade a partir de seus habitantes. Para chegar ao produto final - o filme *O Corpo no Plano* - planejamos um recorte a partir de quatro personagens, moradores de Brasília, sendo que cada um deles dialogaria diretamente com cada uma das quatro escalas urbanas que definem o Plano Piloto: a residencial, a bucólica, a gregária e a monumental.

Entretanto, durante pesquisa de campo, ao mergulharmos na realidade complexa e contraditória do cotidiano de uma cidade, consideramos que não seria possível mapear cada escala a partir de apenas um personagem representante. Isso porque, cada escala guarda espaços muito diferentes entre si e uma só pessoa não daria conta de levantar a amplitude de temas possíveis naquele espaço. Além disso, também ficou claro que, no dia-a-dia, as pessoas não se confinavam em apenas uma escala, mas transitavam entre esses espaços, que foram divididos em escalas para fins de planejamento urbano e atendimento da lógica funcionalista moderna.

Assim, concluímos que precisaríamos buscar outra forma mais eficiente de aproximação do objetivo final definido no argumento (p.32):

um retrato de Brasília a partir de um olhar inovador, criativo e investigativo composto com os fragmentos das subjetividades dos personagens-habitantes vinculados pelos encontros e experiências possíveis no espaço da cidade. As diferentes formas de vivenciar Brasília revelam as diferentes cidades possíveis no mesmo corpo urbano. Pretendemos, assim, restaurar a noção de Brasília como uma cidade viva, resistente e em construção a partir da recomposição de sua

*singularidade tanto coletiva quanto individual,
como um coletivo de diferenças que se agenciam.*

Dessa forma, ampliamos o leque para a possibilidade de escolha de mais personagens com o objetivo de alcançar a diversidade de espaços que considerávamos significativos para a representação da cidade, sendo que os personagens poderiam ser representados\vividos por atores ou não atores, em situações reais ou criadas para o filme, desde que tivessem o potencial para retratar uma situação representativa de determinado espaço, de acordo com a previsão das pesquisas e do roteiro.

Também passamos a considerar fundamental trabalhar a transição de um espaço ao outro. Isso poderia ser feito a partir de encontros e passagens (possíveis no filme e na realidade cotidiana) entre os personagens nos locais de transição entre escalas. A transição de um espaço\personagem para o outro também seria responsável pelo caminhar da narrativa que deveria acontecer no período de um dia, ou seja, manhã, tarde, noite e madrugada.

A partir das definições mencionadas acima - as quais chegamos após iniciarmos as pesquisas de campo – o desafio estava em definir um método pelo qual pudéssemos selecionar nossos personagens, adaptando o cronograma do projeto aprovado pelo FAC à nova proposta. O problema passou a ser: escolheríamos primeiro o espaço da cidade a ser abordado e a questão a ser levantada naquele espaço ou primeiro recorreríamos à escolha do personagem e o que ele poderia trazer de tema acerca do espaço habitado por ele? Como mostraremos a seguir, a escolha final foi por uma abordagem diferenciada e única para cada personagem e para cada espaço temático.

Outros problemas conceituais ainda estariam por vir, seriam eles: como deveríamos retratar cada um dos personagens e cada um dos espaços da cidade, a formatação do roteiro seria mais aberta ou mais fechada, como seria o método de trabalho da equipe de filmagens, além dos desafios próprios de uma produção cinematográfica como manejo do orçamento, cumprimento do cronograma, autorização para filmagens, dentre outros.

E, ainda nos encontramos, neste momento, na etapa de pós produção, imersos em problemas conceituais de montagem próprios de uma produção experimental que mesclou, com ousadia, tanto no roteiro quanto nas filmagens, a linguagem documental com a ficcional, e ainda trabalhou com a representação de personagens em histórias reais e com atores em narrativas do imaginário, apresentando a cidade de Brasília como palco de representações urbanas cotidianas de seus habitantes.

JUSTIFICATIVA

O projeto realizado justifica-se pela necessidade de repensar a relação entre nossas cidades e seus habitantes. Urge um mergulho investigativo – observacional, participante e inovador – no universo da dimensão humana dos espaços públicos e privados de Brasília, para entender as múltiplas vivências urbanas possíveis. O audiovisual aparece como ferramenta potente para trabalhar o imaginário humano das cidades. Dessa forma, o resultado desse trabalho de imersão criativa, seguido do esforço em equipe para materializar as inquietações em forma de obra audiovisual, gera um filme que trata de temas urbanos relevantes, que deva interessar a todas e todos aqueles que moram e transitam em Brasília e também aos de fora que tenham algum interesse sobre a capital federal.

Pensar a relação entre a cidade e seus habitantes suscita reflexões sobre questões urbanísticas estruturais como a mobilidade, a segurança, a ocupação dos espaços públicos, e outras questões mais amplas como a relação entre as pessoas no espaço urbano, o espaço da mulher e das minorias, a liberdade de expressão e de manifestação artísticas e de ideias, o disciplinamento dos corpos imposto pela convivência social urbana, entre outras questões. O projeto propõem abordagem inovadora ao imprimir as temáticas na plataforma audiovisual a partir de uma linguagem híbrida, que mescla documentário e ficção, e contribui, dessa forma, para o andamento dos estudos e das experimentações de linguagem em Comunicação Audiovisual.

Com relação ao caráter inovador, o projeto distancia-se de filmes já produzidos sobre Brasília acerca de questões urbanas pela maneira inovadora na abordagem temática e estética, apresentando a cidade como palco de vivências apresentadas por representações diversas. Assim, pretende diversificar e ampliar a produção cultural brasileira por meio da experimentação da linguagem audiovisual e ainda contribuir com a pesquisa cinematográfica sobre questões urbanísticas, estéticas e humanas na Capital Federal.

O projeto também se justifica por dar continuidade profissional e acadêmica à trajetória

conjunta na realização de obras audiovisuais pela equipe, que é formada por brasilienses que se conheceram no período de estudos na Universidade de Brasília, desde quando vêm realizando trabalhos exibidos em importantes janelas de festivais nacionais e internacionais de cinema.

OBJETIVOS

Trata-se de uma inquietação da equipe pesquisar e trabalhar audiovisualmente questões urbanas e humanas específicas de Brasília, relativas ao planejamento do espaço e ao desenho estrutural do Plano Piloto, com o objetivo de aprofundar o debate público e formação de opinião crítica sobre questões urbanas e sociais de Brasília, sobre a forma de ocupação dos espaços públicos e sobre os diversos modos de vida dos habitantes na Capital Federal.

Também tem o objetivo de alavancar a reflexão da comunidade audiovisual sobre as possibilidades quanto à experimentação de linguagem híbrida entre documentário e ficção.

A fim de alcançar maior público, o projeto prevê aumentar a acessibilidade à obra por meio da inclusão da legenda para deficientes auditivos e exibi-la entre públicos diversos – circuito acadêmico, cinematográfico dos festivais e ainda em centros comunitários e culturais para a população em geral - a partir de uma circulação diferenciada de exibições. Também foi previsto um plano de divulgação via redes sociais e por meio de um blog na internet.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em 1936, Alberto Cavalcanti, diretor, roteirista e produtor cinematográfico brasileiro, publicou uma carta com o que ‘não’ deve ser feito num documentário. O primeiro ‘não’ referia-se à ousadia de experimentar.

Não perca a oportunidade de experimentar, o prestígio do documentário só foi conseguido pela experiência. Sem experiência, o documentário deixará de existir. (Cavalcanti, 1936)

Uma experiência audiovisual em Brasília e sobre Brasília a partir de seus personagens cotidianos foi o que instigou desde o início a realização deste projeto. A experimentação foi a linha condutora que perpassou todo o processo de realização audiovisual e de encontro com a cidade. Um docudrama ou uma ficção realista? Entre os seis personagens da obra, três eram atores e três não-atores. Entre os não-atores, houve encenação de situações realistas e ficcionais, mas também captação de ações da vida real pela forma observacional de filmagem. Já entre os atores, houve encenação de situações reais vividas por eles, encenação de situações fictícias criadas para o filme e também a captação de ações documentais. Realizou-se inclusive um teste de elenco aberto ao público, com atores e não-atores, na Rodoviária do Plano Piloto - palpitante palco da cenografia urbana - trabalhando o corpo na cenografia urbana como uma possível *corpografia* urbana.

A intenção do trabalho baseou-se na tentativa de levantar uma possível *corpografia* urbana em Brasília, a partir da interação entre o corpo e a cidade – O Corpo no Plano - mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana. A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo sua corporalidade. Assim, a experiência da cidade inscreve-se no corpo e o corpo é o meio onde há o trânsito das informações. Esta grafia corporal resultante é uma *corpografia* urbana e é a própria narrativa da cidade inscrita de acordo com cada vivência.

Os praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática, vivência ou experiência dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. (...) Diferentes experiências urbanas podem ser inscritas em um corpo, o que pode resultar em diferentes corpografias que podem ser cartografadas, mapeadas, representadas ou ilustradas (JACQUES; BRITO. 2012, p. 152)

Dessa forma, a obra *O Corpo no Plano* tem a intenção de representar e dar visibilidade a diversas *corpografias* possíveis, com o objetivo de colaborar para a compreensão do espaço urbano experimentado. O interesse principal da *corpografia* urbana para a compreensão dos espaços estaria tanto na análise das corpografias involuntárias – no caso do filme, os não-atores - quanto no seu exercício de forma voluntária – os atores.

O roteiro previa situações realistas e previsíveis em espaços específicos da cidade vista da escala humana. Como exemplo, o perigo de andar na cidade à noite, principalmente para a mulher, o fechamento dos estabelecimentos noturnos na cidade por conta da lei do silêncio, a dificuldade de deslocamento do brasileiro por meio do transporte público, a marginalidade da noite, o desemprego, as dificuldades na sociabilidade urbana, entre outras. As situações deveriam ter relação entre si, a partir da ligação entre os personagens que as vivenciam em determinados espaços. Assim, quando não encontramos em nossa pesquisa de campo os personagens que vivenciariam essas situações no filme, os criamos com os atores. Sendo que cada ator foi escolhido para encarnar determinado personagem por ter vivenciado situação semelhante na vida real. Dessa forma, chegamos a um

tensionamento na relação entre a encenação, a representação e a experiência dramática e na vida real imiscuidos e correlacionados no palco urbano de Brasília.

Ao mesclar personagens e situações reais com personagens e situações ficcionais chegamos a uma pergunta: em um palco, em frente a uma câmera, o que é depoimento e o que é encenação? Pergunta essa que deságua em um questionamento ainda maior que fragiliza um dos alicerces bibliográficos que sustenta o gênero documental ainda hoje: o documentário como um retrato da realidade. Jacques Aumont, logo no início de sua obra *O cinema e a encenação*, afirma que a encenação está em toda parte. Na prática, assistimos a isso no filme (documentário?) *Jogo de Cena*, do saudoso cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, no qual o diretor tensiona a encenação documental e a encenação não-documental nos relatos reais representados por atrizes reconhecidas ou não entre o grande público e também encenados pelas não-atrizes, donas ou não daquele relato.

Resgatando Didi-Huberman (2009, p. 42) em “uma dúvida salutar sobre o estatuto da imagem sem que, portanto, seu valor documental seja em si contestado”. Tal efeito aparece em obras que utilizam estratégias de ficcionalização e que foram influência importante para a realização deste projeto. As obras *Céu sobre os ombros* (2011), do mineiro Sérgio Borges, e *Avenida Brasília Formosa* (2010), do pernambucano Gabriel Mascaro, experimentam de forma exitosa estratégias ficcionalizantes na construção do espaço urbano cotidiano. Nesse sentido, é o trabalho da imagem e a negociação entre a vida vivida e a vida ficcionada que fazem com que o que se sente e o que se vê separem-se de um personagem para se tornarem possíveis da vida. As cidades dos filmes surgem das redes que se formam entre as vidas vividas e as vidas filmadas, assim como trabalhado por Cézar Migliorin na análise dos filmes citados.

*A cidade se constitui, assim, como uma cena aberta
em que os sujeitos são espectadores e atores.
Diante dessa cena, o cinema: cena sobre cena.
Onde existe o recorte, a definição dos movimentos e
partilhas, o cinema sobrepõe outra mise-en-scène,*

recorta o espaço já cortado, transforma os sons, retira a cor, monta um contracampo e um fora de campo, aproxima vidas e produz afecções nessas reurbanizações em que o espaço e o tempo podem perder as estribeiras. Um conjunto de relações que, longe de constituir uma informação sobre a cidade, acaba por estabelecer com ela um papel fundante. As cidades existem nas relações entre os sujeitos e os espaços, entre o que vemos e o que é visto pelos personagens, essencialmente relacional, sem consenso ou harmonias sólidas. (MIGLIORIN, 2011, p. 163)

Para narrar a cidade, buscamos os possíveis encontros entre as pessoas na cidade e os espaços de vivência das relações cotidianas. O *Corpo no Plano* narra a partir do corpo no plano cinematográfico e no Plano Piloto, com seus diversos modos de vida e possibilidades de trocas definidos e organizados pelas ordens e fluxos cotidianos. Entre tantas forças e poderes, aparecem as formas de adaptação e de resistência aos limites impostos pelos esquadrejamentos do espaço.

Nessa linha, entendo que os seis personagens escolhidos guardam entre si semelhanças em pequenas indisciplinas na relação com a cidade. Em comum, eles fogem do conceito de *corpos dóceis* trabalhado na obra *Vigiar e Punir*, de Michael Foucault (1977). Para Foucault, a mesma disciplina que torna o corpo capacitado e aumenta a produção, faz diminuir a resistência do corpo frente ao poder, ou seja, o torna submisso e dócil.

A disciplina aumenta as forças do corpo, em termos econômicos de utilidade, e diminui essas mesmas forças, em termos políticos de obediência. (FOUCAULT, 1977, p. 126)

De alguma forma, os personagens de *O Corpo no Plano* apresentam pequenas transgressões e desobediências cotidianas. Como exemplo, a empregada doméstica que queima a roupa do patrão; Francisco e o jardim da resistência na quadra dos militares; Antônio e o contorno da proibição para filmar no Congresso Nacional; Nadja como o corpo feminino resistente que caminha pela cidade à noite; Indaiá em sua relação com trabalho de limpar na rodoviária e sua relação com os moradores do local.

Retomando nosso fio condutor do processo criativo, que é a experimentação, pontuo a presença das entrevistas no filme. Jean-Claude Bernardet foi o primeiro a chamar a atenção para o fato de que “a entrevista virou cacoete”, na segunda edição do livro *Cineastas e Imagens do povo*, em 2003: “Não se pensa mais em documentário sem entrevista, e o mais das vezes dirigir uma pergunta ao entrevistado é como ligar o piloto automático”. Sabe-se que dar privilégio à entrevista pode causar uma série de problemas a uma obra audiovisual, entre eles: a dominância do verbalizável, a diminuição da capacidade de observação de situações reais em transformação, a ausência de relações entre os personagens, e a repetição da mesma configuração audiovisual.

Na tentativa de fugir desses problemas, decidimos dar fala aos personagens de forma diferenciada: um teste de elenco na Rodoviária de Brasília no qual os participantes deveriam dizer um pouco sobre si, sobre a cidade e sobre o filme. Nesta experimentação, detectou-se a influência do documentário iraniano *Salaam Cinema* (1995), dirigido e produzido por Mohsen Makhmalbaf. Na obra, o diretor interroga 100 pessoas sobre o que fariam para ser artistas de cinema e testa o quanto seriam capazes de atuar para participar do filme e alcançar a fama.

O teste de elenco deste projeto foi realizado com a intenção de integrar os bastidores do filme no produto final a partir do tensionamento entre atuação, encenação, representação e experiência real na obra cinematográfica. Também teve papel importante ao captar diversas opiniões sobre Brasília e sobre o que um filme deveria dizer acerca da cidade.

Para além disso, a referência recai sobre o documentário *Salaam Cinema*, em alguns episódios em que os participantes desvendavam suas motivações para participar de um filme. Isso aconteceu na resposta dada à seguinte pergunta: *Por que você deveria participar desse filme?*

Como referências e influências mais próximas, em relação ao método observacional de narrativa, à ficcionalidade das vidas e às narrativas sobre as cidades, aponta-se as já citadas obras *Céu sobre os ombros* (2011), do mineiro Sérgio Borges, *Avenida Brasília Formosa* (2010), do pernambucano Gabriel Mascaro, além da trilogia *Justiça* (2004) e *Juízo* (2007) e *Morro dos Prazeres* (2013), da brasiliense Maria Augusta Ramos.

E, finalmente, a obra audiovisual resultado deste projeto distancia-se dos filmes já produzidos sobre Brasília pela maneira inovadora de abordagem temática e estética. Mas ainda assim, podemos citar aproximações com o método crítico de olhar para a cidade das seguintes obras: *Plano B* (2013), de Getsemane Silve, *A Cidade é uma Só* (2013) Adirley Queiroz, e *Braxília* (2010), de Danyella Proença.

METODOLOGIA

O projeto iniciou-se em meados de 2013 quando três ex-colegas da UnB uniram-se informalmente para pensar a dimensão humana dos espaços urbanos de Brasília. Para viabilizar financeiramente a materialização audiovisual desses estudos, foi preparado e apresentado ao Fundo de Apoio à Cultura um projeto com orçamento no valor de R\$ 39.983,60. Entretanto, após a glosa de alguns itens do orçamento - inclusive o custo do aluguel dos equipamentos de fotografia, por falta de assinatura em punho no documento em que constava o valor orçado -, o valor recebido pelo projeto, em janeiro de 2014, caiu para R\$ 31.462,00 o que dificultou bastante as contratações necessárias para a realização das filmagens.

O cronograma do projeto previa a realização da obra nas seguintes etapas: Pesquisa (pesquisa histórica, com especialistas e com personagens); Roteiro; Filmagens; e, Montagem; Finalização; Produção Executiva; Contrapartida; Divulgação; e, Prestação de Contas. Tendo em vista a metodologia de realização, ou seja, as técnicas utilizadas para o desenvolvimento do produto, o enfoque aqui será dado às etapas de pesquisa, roteiro, filmagens e montagem, sendo esta última a etapa em que o produto encontra-se na presente data.

Na etapa de pré-produção, a equipe formada por Luísa Ramos Caetano, Ana Carolina Matias e Camilla Shinoda realizou a fase de pesquisa dividida em três etapas, sejam elas: 1) Pesquisa em arquivos públicos e particulares de material audiovisual sobre Brasília; visualização de filmes; e leitura de livros e de artigos sobre moradores e suas relações com as cidades, especialmente de Brasília. 2) Conversa com especialistas em Arquitetura e Urbanismo, sociólogos, antropólogos, artistas e pesquisadores sobre o tema. 3) Pesquisa de personagens que representassem os espaços urbanos do Plano Piloto.

A ideia inicial era encontrar não-atores, moradores de Brasília, e captar de forma observacional suas ações pela cidade. Elegemos alguns espaços de Brasília, nas quatro escalas urbanas, que consideramos fundamentais estarem no filme (Rodoviária do Plano

Piloto, Setor Comercial Sul, Congresso Nacional, superquadras residenciais e arredores, entre outros). Nessas incursões, feitas na etapa de pesquisa, conhecemos pessoas que nos interessavam como personagens: uma mulher que trabalha na limpeza da Rodoviária (escala gregária), um morador de rua que plantou com suas próprias ideias um jardim diferenciado em uma superquadra da Asa Norte (escala residencial e bucólica), entre outros que não entraram no filme.

Com esses dois personagens em mãos e as informações levantadas durante a etapa de pesquisa, a roteirista e diretora Luísa Caetano formatou o roteiro - em colaboração com os demais membros da equipe e com os próprios personagens, posteriormente - que percorria o Plano Piloto a partir de situações consideradas representativas de determinados espaços sendo que deveria ser fundamental priorizar as relações e transições dos personagens pela cidade. Dessa forma, o filme sairia da noção de um "filme sobre personagens que se passa em Brasília" para "um filme sobre Brasília a partir de seus personagens".

A proposta desde o início era a realização de um filme participativo tanto entre os membros da equipe quanto na relação com os personagens atores e não-atores. Assim, o roteiro aberto foi modificado antes, durante e pós-filmagens a fim de contemplar as inquietações e vivências propostas pelas pessoas que viveram os próprios personagens.

O roteiro previa situações realistas e previsíveis em espaços específicos da cidade. Como exemplo, o perigo de andar na cidade à noite, principalmente se for mulher, o fechamento dos estabelecimentos noturnos na cidade por conta da lei do silêncio, a dificuldade do brasiliense no deslocamento por meio do transporte público, a marginalidade da noite, o desemprego, as dificuldades na sociabilidade urbana, entre outras. As situações deveriam ter relação entre si e a partir da ligação entre os personagens que as vivenciam em determinados espaços.

Assim, quando não encontramos, em nossa pesquisa de campo, os personagens que vivenciariam essas situações, os criamos com os atores ou não-atores. Sendo que cada um

foi escolhido para encarnar determinado personagem por ter vivenciado situação semelhante na vida real. Realizamos um teste de elenco na Rodoviária de Brasília. O local por onde passam quase um milhão de pessoas diariamente seria o ponto ideal para selecionar candidatos a participar de um filme sobre Brasília. Alugamos um *stand* de fotos 3x4, abrimos a faixa: “Quer participar de um filme? Teste de elenco aqui.” e, durante cerca de três horas, ouvimos cerca de 30 pessoas interessadas na produção. Algumas delas foram convidadas anteriormente para a participação: atores e não-atores que já nos interessaram na etapa de pesquisa e que se encaixariam nos personagens previstos no roteiro para viver determinadas situações na cidade. O teste de elenco foi realizado com a intenção de integrar os bastidores do filme na montagem e de tencionar ainda mais os fatores atuação, encenação, representação e experiência real na obra cinematográfica.

Selecionamos as seguintes pessoas:

Indaiá trabalha com limpeza na Rodoviária de Brasília.



No teste de elenco, ela afirmou que precisava participar desse filme para “mostrar a realidade do brasileiro. Ela disse que faria o papel de si mesma.



Elizangela Souza não é atriz. Ela trabalha como empregada doméstica em uma casa no Lago Norte.



No filme, ela representa uma empregada doméstica que trabalha em um apartamento na Asa Norte.



Nadja Dulci é atriz e feminista atuante.



Em algumas cenas, ela atua situações fictícias que levantam questões sobre a mulher, em outras, ela representa situação pela qual passou na vida real em Brasília.



Vanderlei é garçom e ator.



Assim como Nadja, no filme ele vive papéis fictícios e reais que se confundem.



Já Antônio participa de forma performática.



Ele atua sempre no limite entre a ficção e o documentário.



Francisco mora na área verde da SQN 302.



Para o filme, ele construiu um jardim na quadra onde mora e leu um poema de resistência contra o preconceito e o constrangimento que passa na rua.



Parecia impossível pensar a cidade, sem trabalhar as relações entre os espaços e as pessoas daqueles espaços. Dessa forma, a cidade surge nas relações que se estabelecem entre personagens e os espaços, uma imanência estética e espacial em que o que é personagem e o que é cidade constituem-se na troca. A cidade só surge como espaço urbano vivo na apropriação e na experiência corporal direta e imediata, por meio do ir e do descobrir. Assim, chegamos a uma tensionamento na relação entre a encenação, a representação e a experiência dramática da vida real que se imiscuem e correlacionam-se no palco urbano de Brasília.

Na etapa de produção, as filmagens ocorreram durante o período de três semanas com a seguinte equipe permanente de sete pessoas: Luísa Caetano – diretora; Camilla Shinoda – assistente de direção; Ana Carolina Matias – fotografia; Lucas Kato Félix – assistente de fotografia; Luiz Olivieri – som direto; Ana Paula Rabelo – diretora de produção; Sofia Moraes – assistente de produção. Também houve colaboração no set de: Elias Guerra – assistente de som; e, Vinícius Fernandes e Leonardo Hecht – fotografia still.

Com relação aos equipamentos, já que houve glosa no orçamento do FAC, contou-se com as câmeras de filmagem pessoais dos fotógrafos: uma DSLR D7000 e uma Black Magic. As imagens foram captadas em alta definição. Já o tripé, cabos, iluminação e lapelas foram emprestados pela Faculdade de Comunicação da UnB. A UnBTV colaborou com o empréstimo de bateria para a câmera. O restante do equipamento de som foi emprestado pelo próprio técnico de som.

Como referência para a abordagem estilística na direção de atores e não-atores na etapa de filmagens, a diretora apoiou-se na contemporânea produção de filmes com matizes de linguagem híbrida - que transpassam o naturalismo documental em direção ao ficcionalismo das vidas reais dos personagens. Em parte do filme optou-se pela utilização do método observacional da filmagem – quando a câmera acompanha sem interferir diretamente na situação filmada. O método funcionou para captação de situações cotidianas realistas dos personagens e também para filmagem dos planos que captam o dia a dia da cidade.

Outra forma utilizada foi a proposição de situações que os personagens viveriam frente às câmeras, além de que os próprios personagens (atores e não atores) também propuseram atuações que considerassem possíveis de ser vividas cotidianamente naquelas situações indicadas. Todos esses métodos em conjunto, ao lado da observação naturalista, levaram ao resultado de um filme que ficcionaliza vidas e situações que se passam no Plano Piloto de Brasília.

Na montagem, a proposta inicial era a utilização de um dispositivo-poema que pretendia estruturar o material filmado em quatro eixos temáticos entrecruzados de forma semelhante ao desenho das escalas urbanas de Brasília. Entretanto, o desenvolver do projeto trouxe outras possibilidades que estão, neste momento, sendo experimentadas pelo montador Elias Guerra com acompanhamento da diretora Luísa Caetano. As inquietações desta etapa de montagem vão desde o ritmo e tempo a ser impresso na narrativa de cada personagem até a escolha da minutagem ideal para o filme.

Posteriormente, o filme ainda passará pelo criador da trilha sonora e modulação do áudio, Luiz Olivieri. A ideia é que a trilha sonora seja original e funcione como um amálgama sinfônico de sons da cidade captados na filmagem que unem ou separam os diversos espaços bem como os habitantes, visto que Luiz também fez som direto nas filmagens. Por fim, o material será finalizado nas mãos de Ig Uractan.

Contamos, também, com um plano de divulgação que segue paralelo à produção do curta-metragem. Publicamos uma página na rede social Facebook (<https://www.facebook.com/corponoplano>) e um blog está em fase de criação para abrigar informações sobre o processo criativo, a produção e a posterior circulação do filme a fim de divulgar essas ações na internet. Obtivemos, ainda, o apoio de uma designer que vai desenvolver a identidade do produto. Após finalizada, faremos um plano de distribuição. A obra será exibida de forma gratuita em espaços públicos da cidade, com especial atenção aos locais periféricos da cidade, em centros culturais (ações previstas como contrapartida ao projeto do FAC), em todos os festivais de cinema (nacionais e internacionais) em que se enquadrar, licenciado para emissoras de televisão. A obra ainda deverá ser entregue ao Fundo de Apoio à Cultura do DF para fins de comprovação da realização do produto apoiado pela Secretaria de Cultura do DF.

CONCLUSÕES

Este trabalho de conclusão de curso é composto por memória de pesquisa do projeto para a realização de obra audiovisual - argumento, roteiro, orçamento, cronograma e plano de divulgação – acompanhada pelo primeiro corte de 27 minutos, do filme *O Corpo no Plano*. O objetivo inicial era materializar, por meio da obra audiovisual, possíveis retratos de Brasília a partir de seus habitantes. Pensamos, para isso, utilizar a ferramenta do documentário, porém, em razão da ousadia na experimentação de linguagem, partimos para a utilização de linguagem híbrida entre documentário e ficção. Dessa forma, alcançou-se uma obra que retrata Brasília como palco para representação de experiências urbanas diversas, e que mesclou personagens não-atores e atores, moradores da cidade, em diferentes espaços e vivências no Plano Piloto.

Além dos desafios de linguagem, foram muitos os obstáculos de produção ultrapassados para se chegar a este primeiro corte. A redução do orçamento no item *equipamentos de filmagens* foi o primeiro impasse com o qual lidamos. Como a escolha era filmar em Full HD, recorremos à Faculdade de Comunicação para o empréstimo da câmera filmadora EX3. Entretanto, segundo orientação do professor responsável pelos equipamentos, essa câmera seria exclusiva para uso dos alunos do Bloco de Realização Audiovisual e, por isso, tivemos o pedido de empréstimo negado. Ao fim, o assistente de fotografia emprestou sua câmera – uma Black Magic, Full HD - gratuitamente e diretora de fotografia também utilizou outras duas DSLRs de uso pessoal.

Como trabalhamos com baixo orçamento até para realização de um curta-metragem, não pudemos contar com a participação integral da equipe durante a etapa da pesquisa o que de certa forma nos limitou em aprofundar a pesquisa sobre o corpo e a cidade. O tempo disponível para pesquisa prevista no cronograma, definido para fins de apresentação do trabalho em um semestre, também foi curto. O resultado final é que a obra tornou-se muito mais um filme de personagens na cidade do que um filme sobre o corpo na cidade.

Outro obstáculo que encontramos foi com relação à autorização para filmagem em

algumas locações. No Congresso Nacional, por exemplo, recebemos a autorização uma semana antes do dia marcado para filmagens no local. A orientação é que, no dia anterior, a produtora deveria recolher as credenciais da equipe na Secretaria de Comunicação da Casa. Entretanto, no dia marcado, a comunicação do Congresso voltou atrás na decisão e decidiu, no dia anterior às filmagens, retirar nossa autorização. Como nossa produção já estava preparada - a equipe a postos, ator confirmado e figurino alugado -, tivemos que nos adaptar à situação na noite anterior às filmagens. Foi planejado uma espécie de ato de protesto com relação à nossa desautorização. Não conseguimos manter os planos do roteiro, que previam filmagens em locais específicos da casa – Comissões e engraxataria – mas filmamos clandestinamente com equipe reduzidíssima no Salão Verde, em dia mais tranquilo, e acabamos chegando em uma cena em que mostramos essa proibição.

Já com relação ao roteiro, houve equívocos ao pensar em um planejamento com excesso de ações e muitos personagens. Isso gerou longo período de filmagens e vasto material captado de imagens e sons. Em parte, isso aconteceu porque tivemos troca de produtora executiva no meio do processo de pré-produção. A consequência foi que, nos últimos dias de filmagens, a equipe estava exausta e, durante a montagem, muito material extra foi jogado fora. Inclusive por isso, inicialmente, a equipe de montagem pensou em fechar um longa-metragem.

Porém, a decisão foi finalizar um curta-metragem, assim como o projeto inicial proposto ao FAC, pois consideramos que o filme, desde o planejamento inicial, carregava uma linguagem para este tipo de metragem. Além disso, considerando que o objetivo final de um filme, após sua realização, é ser assistido por amplo público, consideramos maiores as possibilidades de circulação do filme curta-metragem em detrimento do longa ou mesmo do média-metragem. Considerando as durações máximas de curta-metragem para inclusão nos principais festivais (até 25 minutos no Festival de Cinema de Brasília; até 25 minutos no Festival de Tiradentes e Ouro Preto; até 30 minutos no É Tudo Verdade), decidimos por fim que a meta da montagem é transformar esse primeiro corte de 27 minutos em, no máximo, 25 minutos.

Apesar de todos os obstáculos apontados acima, a auto-avaliação feita pela equipe, considerou que o produto final correspondeu de forma satisfatória ao objetivo inicial de fazer um retrato de Brasília a partir de um olhar inovador e instigante composto por fragmentos das subjetividades dos personagens-habitantes vinculados pelos encontros e experiências possíveis no espaço da cidade. As diferentes formas de vivenciar Brasília revelaram, por meio do filme, as diferentes cidades possíveis no mesmo corpo urbano. E, ainda foi além, ao trabalhar a cidade como palco de representação de experiências urbanas diversas, mesclando personagens não-atores e atores, moradores da cidade, em diferentes espaços e vivências no Plano Piloto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão cinema e vídeo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o Real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas: Papirus Editora, 2005.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VALENTINETTI, Cláudio. **O Cinema segundo Eduardo Coutinho.** Brasília: Farani, 2003.

MIGLIORIN, Cezar Migliorin. **Escritas da cidade em *Avenida Brasília Formosa* e *O céu sobre os ombros*.** En: Revista do programa de pós-graduação da escola de comunicação da UFRJ: vol. 14 nº 01 (2011): Cidades Midiáticas

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITO, Fabiana Dutra. **Corpo e Cidade.** En: revista UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIDI-HUBERMAN, Georges. ***Quand les images prennent position.*** Paris: Les Editions de Minuit, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1977

REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

JOGO de Cena. Direção: Eduardo Coutinho. Duração: 105 minutos. Gênero: Documentário. Local de Produção: Rio de Janeiro. Ano: 2007.

CÉU sobre os ombros. Direção: Sérgio Borges. Duração: 72 min. Gênero: Documentário. Local de Produção: Belo Horizonte. Ano: 2011.

AVENIDA Brasília Formosa. Direção: Gabriel Mascaro. Duração: 85 min. Gênero: Híbrido. Local de Produção: Recife. Ano 2010.

MORRO dos Prazeres. Direção: Maria Augusta Ramos. Duração: 90 min. Gênero: Documentário. Local de Produção: Rio de Janeiro. Ano: 2013.

PLANO B. Direção: Getsemane Silva. Duração: 84 min. Gênero: Documentário. Local de Produção: Brasília. Ano: 2013.

A Cidade é uma Só. Direção: Adirley Queiroz. Duração: . Gênero: Documentário. Local de Produção: Brasília. Ano: 2013.

BRAXÍLIA. Direção: Danyella Proença. Duração: 17 min. Gênero: Documentário. Local de Produção: Brasília. Ano: 2010.

KOYAANISQATSI. Direção: Godfrey Reggio. Duração: 89 min. Gênero: Documentário. Local de Produção: Estados Unidos. Ano: 1982.

SALAAM Cinema. Direção: Mohsen Makhmalbaf. Duração: 75 min. Gênero: Documentário. Local de Produção: Irã. Ano: 1995.

FILMEFOBIA. Direção: Kiko Goiffman. Duração: 80 min. Gênero: Documentário. Ano: 2008.

EU, um negro. Direção: Jean Rouch. Duração: 70 min. Gênero: Drama. Ano: 1958.

PARTE II – PROJETO DO FILME

Argumento: O Corpo no Plano

Por Luísa Caetano

As quatro escalas urbanas planejadas por Lucio Costa para a setorização das atividades e o agenciamento público de espaços no Plano Piloto de Brasília criam relações diferenciadas entre os moradores da capital federal e o espaço urbano. Essas relações originariamente peculiares vão sendo re-significadas e transformadas ao longo dos anos, em um processo contínuo de ampliação de agenciamentos e criação de novos modos de existência entre os habitantes, desde o nascimento da cidade em 1960 até os dias de hoje. O espaço vai modificando o habitante e o habitante vai modificando o espaço.

O planejamento urbanístico de Lúcio Costa previa que a cidade abrigaria 500 mil habitantes no ano 2000. Em janeiro desse ano, chegamos a 2 milhões de habitantes, quatro vezes mais que o planejado. Sendo que as últimas projeções do IBGE em 2004 indicam que a população total já esteja em cerca de 2,36 milhões de habitantes. Essa extrapolação aliada à história de ocupação urbana desordenada trouxe à Brasília os contornos de uma metrópole urbana em detrimento do plano inicial que visava à utopia de uma Cidade Parque, modelo da modernidade brasileira. As contradições advindas do adensamento da Cidade Parque estão escancaradas no dia-a-dia dos seus moradores que enfrentam problemas urbanos comuns às grandes cidades. Porém, o tombamento da capital federal, pelo Iphan e pela Unesco, ainda lhe confere um caráter de resistência ao inchaço e é, portanto, importante instrumento para garantir a preservação de grande parte do plano inicial que permite a manutenção de prerrogativas do direito à cidade aos seus moradores.

O documentário proposto apresentará, em até 15 minutos, quatro personagens sociais, não-atores, moradores de Brasília. Cada um deles dialoga diretamente com cada uma das quatro escalas urbanas que definem o Plano Piloto: a residencial, a bucólica, a gregária e a monumental. Mostraremos os modos de entrosamento e de intimidade peculiares com que cada personagem vivencia determinada escala de forma a se tornar um representante

simbólico daquele espaço. Este é o protocolo produtor da situação a ser filmada: a dimensão humana das escalas urbanas. A partir da forma de interação do personagem com o espaço, vamos discutir diversas questões urbanas atuais.

A pesquisa de personagens será orientada por algumas questões a serem consideradas em se tratando do agenciamento público em cada uma das escalas. Na escala residencial, levaremos em conta questões relacionadas ao adensamento populacional, ao surgimento de novas áreas residenciais no Plano, as ocupações criativas e dos movimentos sociais nas quadras comerciais, o crescimento desenfreado dos condomínios irregulares de luxo, a grilagem de áreas urbanas e rurais e a especulação imobiliária como maestra do (des)ordenamento territorial. Ainda nessa escala, investigaremos a forma de convívio ou de isolamento social nas áreas comuns previstas por L. Costa para a coletividade dentro das superquadras residenciais.

Na **escala monumental**, que resguarda o impacto visual e ambiental das grandes obras modernistas projetadas por Oscar Niemeyer, o personagem-manifestante representará as expressões políticas e sociais de descontentamento e de reivindicações que tem como palco histórico o longo o gramado central que cobre a Praça dos três Poderes, a Esplanada dos Ministérios e segue até o Memorial JK. Pretendemos retomar o histórico das manifestações que ocuparam a Esplanada dos Ministérios ao longo dos últimos 50 anos, entre Democracia e Ditadura Civil-Militar, fazendo parte da história da própria cidade e culminando na recente onda de manifestações ocorridas entre junho e setembro de 2013 e que prometem eclodir novamente e com mais intensidade ainda em junho de 2014 (em nossa etapa de produção e filmagem) por conta da Copa do Mundo de 2014 (com sete jogos marcados no Estádio Mané Garrincha).

Na **escala bucólica**, analisaremos a situação das áreas verdes, das áreas de proteção ambiental, dos Parques e da orla do Lago Paranoá que, na maior parte de sua extensão, está fechada para o acesso e usufruto público da população e ocupado privativamente e irregularmente por mansões, hotéis e condomínios de bairros nobres da cidade. A escala bucólica tem como vocação a onipresença entre as demais escalas. Ela está na extensa

área verde da cidade planejada para ser parque, e ainda hoje faz produzir extensas áreas livres urbanas. Nessa complexidade se condensará o personagem-morador representante dessa escala.

Na **escala gregária** - área central da cidade que engloba a rodoviária, a estação central do metrô, os setores comerciais, hoteleiros e de autarquias -, o olhar recai sobre a multidão de trabalhadores que desembarca todos os dias no Plano Piloto, escancarando a má distribuição dos postos de trabalho no Distrito Federal, que obriga as pessoas a trabalhar muito distante de seu local de residência e que transforma a maior parte das Regiões Administrativas ao redor e do Entorno em cidades-dormitório. Cerca de 60% postos de trabalhos do DF estão concentrados no Plano Piloto. Assim, grande parte dessas pessoas chega ao Plano pela rodoviária, local por onde passam, em média, 700 mil pessoas por dia. A escala que agrega toda essa gente também é abrigo dos marginalizados e excluídos, sendo o palco da prostituição, dos usuários de drogas e das pessoas em situação de rua.

Ainda na escala gregária, ao abordar o tema de deslocamento de grandes massas de população em direção ao centro, ponto de ligação do Plano Piloto com as Regiões Administrativas, o gancho será o transporte público e a mobilidade urbana. De acordo com o projeto *Brasília Revisitada* (1987) de Lucio Costa, que faz uma revisão do plano inicial, o encontro das escalas urbanas se dá por meio da estrutura viária da cidade que funciona como “arcabouço integrador das várias escalas urbanas”. Vamos analisar como de fato acontece hoje a integração entre as escalas urbanas e os habitantes. Por fim, o encontro de nossos personagens será possibilitado ou não a partir da análise da mobilidade urbana que é o ponto de encontro entre as quatro escalas urbanas e que pode impossibilitar o encontro humano em uma cidade que prioriza o transporte particular e individual.

Optamos por interpretar a situação social mais ampla a partir da particularização do enfoque pelos personagens, uma tendência de abordagem dos documentários contemporâneos que buscam seus temas por meio de experiências individuais que

valorizam a subjetividade do homem comum. Portanto, o enfoque se dará no acompanhamento da rotina dos personagens que transitam pela cidade, buscando a comunicação entre sua história pessoal e questões urbanas e humanas mais amplas.

Além da pesquisa de personagens, o documentário também será subsidiado pela pesquisa histórica aos documentos, mapas e materiais audiovisuais em arquivos públicos e particulares, adotando, dessa forma, o viés de certa produção ensaística a partir da retomada e manipulação de imagens. Faremos uma revisitação ao plano original de Costa, com foco nos espaços-escalas, tendo em vista as mudanças ocorridas em Brasília 55 anos após a publicação do projeto inicial, em 1957. Analisaremos comparativamente o projeto em tramitação na Câmara Legislativa do Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília, que pretende revisar o plano inicial, em espelho com a realidade concreta e o documento do Iphan e da Unesco para tombamento da Capital. Buscaremos os candangos com seus acervos particulares e memórias vivas do início da cidade. Por fim, faremos entrevistas com especialistas em Urbanismo, Arquitetura, Filosofia, Antropologia, Psicologia, Sociologia, Geografia e História. Todas as etapas de pesquisa serão registradas audiovisualmente e, se necessário, farão parte do filme.

As filmagens acontecerão no período de três semanas. Acompanharemos o cotidiano dos quatro personagens, privilegiando uma estética da observação. A escolha de uma câmera pequena e da equipe reduzida permitirá a obtenção de uma melhor entrada à cena, produzindo um encontro efetivo entre equipe e personagens. Cada personagem terá sua rotina diária acompanhada por uma semana, quando também serão realizadas entrevistas informais mais próximas a diálogos. O tempo longo de filmagem é exigido pela metodologia observacional adotada neste documentário.

Na montagem, propomos a utilização de um dispositivo-poema que pretende estruturar o material filmado em quatro eixos temáticos que se entrecruzarão de forma semelhante ao desenho das escalas urbanas de Brasília. A trilha sonora original funcionará como um amálgama sinfônico de sons da cidade captados na filmagem que unem ou separam os diversos espaços bem como os habitantes.

O documentário-ensaio visa, portanto, construir um possível retrato de Brasília a partir de um olhar inovador, criativo e investigativo composto com os fragmentos das subjetividades dos personagens-habitantes vinculados pelos encontros e experiências possíveis no espaço da cidade. As diferentes formas de vivenciar Brasília revelam as diferentes cidades possíveis no mesmo corpo urbano. Pretendemos, assim, restaurar a noção de Brasília como uma cidade viva, resistente e em construção a partir da recomposição de sua singularidade tanto coletiva quanto individual, como um coletivo de diferenças que se agenciam - em contraponto à homogeneização das cidades e dos estilos de vida na cidade-mundo do capitalismo contemporâneo.

Brasília, DF, novembro de 2013

ROTEIRO

O CORPO NO PLANO

*O disciplinamento dos corpos na e pela cidade
e as pequenas indisciplinas com sabor de liberdade.*

SEQUENCIA 1 - RODOVIÁRIA - MANHÃ (ENTRE 5H30 E 7H30)

INTENÇÃO 1: A RODOVIÁRIA COMO O MARCO ONDE CHEGAM OS DE FORA: TANTO OS DE FORA DO PLANO QUANTO PIONEIROS CANDANGOS. O X INICIAL. O MARCO ZERO DO PLANO PILOTO E DO PLANO CINEMATOGRAFICO. MOSTRAR TRABALHADORES CHEGANDO DAS SATÉLITES AO PLANO. O INCHAÇO DOS ÔNIBUS, DO METRÔ E DA RODOVIÁRIA. A DIFICULDADE NO DESLOCAMENTO PARA O BRASILIENSE DA PERIFERIA. O RETRATO DA RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO.

PERSONAGENS: INDAIÁ, VANDERLEI E ELISANGELA.

CENA 1 - INDAIÁ NA RODOVIÁRIA. VANDERLEI PASSA.

PLANO INICIAL (INSOLAÇÃO, MADRUGADA): INDAIÁ limpa o quadrado que lhe cabe da rodoviária. VANDERLEI passa pelo meio do quadrado. Faz um X no meio (referência: imagem de arquivo marco zero: plano vertical) *faremos esse plano vertical e horizontal.

ENTRA TÍTULO: O CORPO NO PLANO

CENA 2 - INDAIÁ NA RODOVIÁRIA

- Mostrar encosta encosta, roça roça, contato e improvisação forçado nos ônibus: câmera

no espelhinho do ônibus.

- Chegada das primeiras pessoas na rodoviária em ônibus lotados: foco nos pés das pessoas descendo os ônibus (referência pioneiros).

- Placas dos ônibus de Ceilândia, Samambaia, Recantos da Emas, e de várias RAs. Plano frontal.

- Pessoas transitam: foco nos rostos. Plano: a câmera acompanha o movimento de personagens anônimos, escolhidos aleatoriamente, e os abandona a medida que segue outros anônimos em direção diferente (*off do povo fala transeuntes rodoviária sobre dificuldade de chegar ao Plano, de onde vieram e sobre como chegaram em Brasília*).

*** Uma das pessoas é ELISÂNGELA, que já chama a atenção pela proximidade do plano no rosto.

- Fumaça dos ônibus, das obras, poluição visual da Rodoviária: ênfase na sujeira e na bagunça do espaço.

- INDAIÁ limpa a rodoviária. Locações: passarela dos ônibus do Entorno, na escada (time lapse), no quadrante próximo à Viçosa (plataforma B) e no quadrante simetricamente oposto (plataforma C).

- INDAIÁ esbarra e desvia de algumas pessoas, pede licença a outras, alguém joga um lixo no chão e ela cata (mostrar dificuldades em trabalhar com limpeza em local tão cheio de transeuntes)

- No quadrante próximo à Viçosa, INDAIÁ pára a limpeza e olha para a câmera, por um minuto, e em seguida volta a limpar.

INDAIÁ

Indaiá fala sobre chegada à
Brasília, e ao Plano Piloto. Aqui
cheguei e aqui fiquei.

CENA 3 - INDAIÁ E ELISÂNGELA NA VIÇOSA

- INDAIÁ compra pastel. FOCO do plano nas mãos: entrega o dinheiro.
- Ela bate a ficha no balcão e recebe o pastel.
- planos do pasteleiro entregando pastel para várias mãos.
- planos frontais dos rostos das pessoas comendo pastel na bancada, até chegar no plano que enquadra juntas ELISÂNGELA e INDAIÁ comendo pastel.
- ELISÂNGELA sai do plano e INDAIÁ fica, lança um olhar para a ELISÂNGELA, que se foi.

SEQUENCIA 2 - ASA NORTE (RESIDENCIALBUCÓLICO DE MANHÃ)

INTENÇÃO: ELISÂNGELA, a trabalhadora, sonhadora. O quanto ainda caminha para chegar ao trabalho e os caminhos dos desejos forçados pela falta de calçada.

CENA 3 - ELISÂNGELA EM TRÂNSITO. NADJA PASSA.

- ELISÂNGELA na parada de ônibus de frente para a rodoviária (Plano com escala monumental ao fundo).
- Ônibus pára, cobre ELISÂNGELA. Ônibus sai, ELISÂNGELA não está mais lá.
- Engarrafamentos pela cidade, no eixinho e eixão, NADJA passa de bicicleta por entre o engarrafamento. (LOCAÇÕES: 102 norte, eixão, perto da rodoviária, centro)
- Pedestres atravessam o eixão por cima (Plano da faixa presidencial e do fim da travessia dos pedestres).
- Na passagem subterrânea, várias pessoas passam, entre elas ELISÂNGELA. Locação: passarela da 201 norte, mostrar escritos e mensagem nas paredes internas da passagem.
- No campão entrequadras, ELISÂNGELA caminha, sem calçadas, nos caminhos feitos pelos pedestres.
- Trilhas de formiga no chão, feitos pelas formigas de verdade.
- Plano do Francisco no jardim do Tai Chi Chuan

- ELISÂNGELA chega em uma árvore e senta. Pega na bolsa um grampo e olha para o horizonte.
- Contraplano: Plano de costas, ELISÂNGELA faz um coque bem elegante, tipo bailarina.
- Desfocamos o coque e focamos o fundo, para onde ela mira: a aula de Tai Chi Chuan.
- Planos das pessoas fazendo Tai Chi na entrequadra, 104 norte (plano geral + planos dos movimentos dos corpos)

SEQUENCIA 3 - RESIDENCIAL DE MANHÃ

INTENÇÃO: A sonhadora do caminho dos desenhos se confina na rotina de trabalho. Distraídos venceremos de Santa Rita.

CENA 4 - ELISÂNGELA NA ÁREA DE SERVIÇO

- Plano fechado enquadra coque de ELISÂNGELA e tábua de passar em baixo e a luz dos cobogós. Ela coloca a farda militar na tabua. Ela levanta o rosto, por trinta segundos em direção à câmera, volta o olhar para baixo.
- ELISÂNGELA passa a farda, no ir e vir do ferro de passar, desenhando o quadrado com o marco x no centro: monotonia do movimento e resgatar movimento quadrado do plano inicial de Indaiá.
- Continua a passar a farda até que começa a sair uma fumaça e queima a farda. Ela borrifa água até que farda volta ao normal.
- Enquadramos a JANELA DO ÁDON, ELISÂNGELA entra no plano com a farda. Bate a farda pela janela (plano de uma janela para outra). Da farda caem alguns farelos brilhantes, simulação das cinzas brilhantes na luz (plano de cima para baixo).

SEQUENCIA 4 - BUCÓLICA NA RESIDENCIAL - MANHÃ

INTENÇÃO: O morador da rua e o jardim da resistência.

Locação: área verde na SQN 303

CENA 5 - JARDIM DE FRANCISCO

- FRANCISCO é visto de cima (plano bem verticalizado, da janela do Ádon, na perspectiva de ELISÂNGELA) construindo o jardim, inicialmente caem as cinzas brilhantes.
- FRANCISCO de baixo, em escala humana, FRANCISCO termina de construir o jardim, enquanto os militares passam ao fundo.
- Plano de Francisco espelhado nos espelhinhos do jardim.
- FRANCISCO coloca a placa da poesia (também vamos captar o audio de Francisco recitando essa poesia).
- Planos do jardim: um por um e depois plano que vai englobando todos os canteiros juntos. Colocar alguns espelhinhos de ANTÔNIO nos canteiros.
- Perguntamos a quem estiver passando, aos moradores, aos militares?: o que acha de alguém morando ali, e o que acha do jardim de Chico?
- Perguntamos em off: Francisco por que você escolheu essa quadra para morar.

FRANCISCO

Um morador de rua não pode escolher onde morar? *Eu morei nessa quadra por sete anos. Os moradores não gostavam que eu ficasse aqui. Fui ameaçado por uma senhora desse bloco.*(pedir filmagens de ameaça à Francisco) Agora está há x dias em um apartamento alugado. mas é estranho: fala sobre confinamento nesse espaço.

- FRANCISCO está em sua cadeira de descanso, olhando para câmera por um minuto, depois coloca o fone de ouvido e começa ouvir música clássica (que se mantém até a cena do ANTÔNIO). Plano conjunto enquadra Chico e bloco residencial atrás.

SEQUENCIA 5 - ESCALA RESIDENCIAL. EXT: NOROESTE/SUDOESTE/ASA SUL E NORTE - INT: APARTAMENTOS PARA ALUGUEL

INTENÇÃO: Nesta sequência, a repetição deve dar um ritmo sinfônico para as fachadas de prédios residenciais e de outros que apresentem arquitetura urbana/moderna, mostrando os pilotis, levantando outros temas como a cidade moldada pelo negócio imobiliário e das construtoras.

CENA 6 - FACHADAS DE PRÉDIOS DA ARQUITETURA MODERNA

- referência planificação: <http://photomichaelwolf.com>
- Série planificada de fachadas de prédios residenciais e de outros que apresentem arquitetura urbana/moderna;
- blocos residenciais com pessoas na janela.
- blocos residenciais sem ninguém na janela.

CENA 7 - ANTÔNIO NO APARTAMENTO VAZIO - TARDE

- Fachada do bloco: ANTÔNIO está na janela fumando um cigarro, plano do prédio por fora. Close no rosto de ANTONIO na janela.
- ANTÔNIO está na janela, fumando: plano de dentro do apartamento vazio. Plano do cenário do apartamento vazio.
- uma privada branca ao centro, um jornal ao lado, e ANTÔNIO na janela de cueca bebe, de costas para a câmera, fumando.
- CENÁRIO: um terno dependurado em uma das paredes e, na outra, os espelhos.
- Ele vira de frente para a câmera e vai em direção à privada, frontalmente à câmera.

Baixa a cueca, senta na privada e pega um jornal dentro da privada, abre nos classificados.

- Ele senta numa privada no meio da sala e lê um jornal de classificados de apartamentos. Ele circula, com caneta vermelha, dois anúncios de aluga-se. Ele risca com um X três anúncios.

- plano de cinco apartamentos completamente vazios: dois menores e três maiores.

- Dez placas de vende-se e aluga-se espalhadas pela cidade

(três de apartamentos menores, quatro de apartamentos luxuosos na Asa Norte e Sul; e cinco de apartamentos oferecidos no Noroeste).

- Setor Noroeste, prédios em construção, outdoors das construtoras.

- Trabalhadores da construção civil, num andaime, olham fixamente para a câmera.

SEQUENCIA 6 - ESCALA MONUMENTAL | CONGRESSO - TARDE

CENA 8 - ANTÔNIO NO CONGRESSO

- ANTÔNIO está em seu carro e desliga o som após o fim da música anunciado por LÚCIA: "Está é a sua Brasília Super

Rádio FM" (pode sintonizar na Verde Oliva FM, a rádio do exército e depois desligar)

- ANTONIO vai de carro à Escala Monumental, percorre o Eixo

Monumental (registramos os monumentos da Esplanada) e segue ao Congresso Nacional.

- plano de ANTÔNIO no gramado de frente para o monumental

Congresso Nacional.

- Dentro do Congresso Nacional, ANTÔNIO caminha.

- Sapatos brilhantes e engraxados, suando. Plano: câmera começa no rosto de Francisco suando e depois desce para os sapatos brilhantes.

- vários sapatos brilhantes no Salão Verde e Azul.

- ANTÔNIO vai ao culto evangélico no plenário da Câmara dos Deputados. Foco no rosto de ANTÔNIO, e captação do áudio.

- *ANTÔNIO chega na engraxataria (contra-plongé radical com*

grande angular). Senta na cadeira de engraxar.

- *ANTÔNIO* começa conversa com o engraxate evangélico.

ANTÔNIO

O senhor sabe como tento uma vaga
de Senador? O senhor sabe como
consigo uma vaga de emprego aqui?
Como o senhor conseguiu um emprego
nesse Palácio? O senhor acha que se
eu me converter posso arrumar um
emprego?

- **ESTÉTICA DE CÂMERA DE SEGURANÇA**, foco em Antônio.

- *ANTÔNIO* olha de uma ponta a outra do teto, desconfiado, procurando algo, até que encontra a câmera. Olha fixamente para a câmera por um tempo.

- Planos de câmeras de segurança do Congresso.

- Seguranças no Congresso.

SEQUENCIA 7 - A CIDADE VIGIADA. OS SENTINELAS E O TOQUE DE RECOLHER NAS RUAS - NOITE

INTENÇÃO: As sentinelas: as câmeras de segurança, os policiais militares, seguranças privados, e as pessoas vigiadas e os vigilantes.

CENA 9 - SEGURANÇAS NA RESIDENCIAL - ESCURECENDO

- Planos de câmeras de segurança nos blocos residenciais.

- Vários televisores com circuitos internos do prédio.

- Cenas das câmeras privadas, imagens cedidas pelos porteiros, seguranças, comerciantes e polícia...

- policiais na rua, seguranças privados, vigilantes.

CENA 10 - NADJA

- NADJA está fazendo aula de krav magá para mulheres.
- professora ensina às alunas como se defender em caso de ataque nas ruas.
- Fala da professora continua em OFF, simulando pela fala, situações ofensivas e perigosas para o corpo da mulher na rua.
- NADJA troca de roupa no Krav Magá, plano sensual.
- No Setor Comercial Sul, as mulheres andam apressadas e entre elas NADJA.
- Lojas começam a fechar
- Homens acompanham com os olhos NADJA andando apressada, de salto e de saia.
- grades, muros, lojas fechando, (PLANOS ABRUPTOS, RÁPIDOS, VIOLENTOS)
- corpos de manequins nas lojas fechando
- tudo fechado.
- Outdoors, cartazes, revistas, jornais, panfletos que mostram a venda do corpo da mulher na publi(cidade)

CENA 11 - NADJA - RESIDENCIAL À NOITE

- Eixão cheio de carros e passagem subterrânea vazia.
- NADJA, de salto, se aproxima da passagem subterrânea (215 norte?) e a atravessa, nossa câmera acompanha a ultrapassagem: plano Nadja de costas, fotografia túnel gaspar noé, climão de suspense. Ela caminha apressadamente.
 - No meio da passagem, ela olha para o lado e para o outro. - no final da passarela, tudo escuro...

SEQUENCIA 8 - DA NOITE VAZIA E MORTA

CENA 12 - NOITE VAZIA E LEI DO SILÊNCIO

- Som estridente de um alarme de carro na residencial vazia de pessoas mas cheia de carros. (316 norte)
- detectamos outros sons estridentes noturnos: o som do motoqueiro que faz a vigilância.

- Cidade sem ninguém nas ruas, residenciais vazias (316 norte)
- captação dos sons das residências: a conversa familiar, noticiário sobre violência contra a mulher, venda de câmeras de vigilância.

CENA 13 - UM MINUTO DE SILÊNCIO PELA NOITE NA CIDADE

- NADJA está no Café Senhoritas, onde as pessoas estão sentadas, gesticulando, bebendo.
- VANDERLEI também está lá.
- Vamos suspendendo aos poucos os sons do local: primeiro corta a música, depois a fala das pessoas, depois os sons de copos e garfos e por último o som da rua. (SEM SOM: referência: <https://www.youtube.com/watch?v=vaACOqwlS3U>)

CENA 14 - VANDERLEI E A MARGINALIDADE: SCS, 708 NORTE.

- Filmar de longe VANDERLEI na rua, por quatro horas: na 708 norte e no SCS. Ele vai sendo abordado nos carros.
- Depois da noite, ele chega na rodoviária, com o abrigo, nos leva à rodoviária, passando por vários moradores de rua dormindo, esmagados pela parede branca.

SEQUENCIA 9 - FINAL - A CIDADE MORTA E O RECOMEÇO

- O tom da cidade fica tipo branco morto, referência Insolação: <https://www.youtube.com/watch?v=s89TGbjtNdo>
- imagens da cidade vazia de manhã, solitária, um vazio desconcertante (Clarice Lispector), em todas as escalas: escolher locações.
- Nesse momento, podemos sair da escala humana e pegar umas imagens do alto: do alto de prédios para escala residencial, alto da torre para escala monumental, bucólica e gregária.

SEQUÊNCIA TESTE DE ELENCO:

Montamos um stand para teste de elenco na rodoviária. Nossos personagens participam e mais outros que surgirem na hora. Três perguntas:

- 1) Apresentação: nome, quantos anos, onde nasceu, onde mora, e qual seu trabalho.
- 2) o que deve ter em um filme sobre Brasília?
- 3) e por que você deveria participar, qual seria seu papel nesse filme?

PERSONAGENS

INDAIÁ:

Comparação entre Plano Piloto com a sua região administrativa.

- 2) Fazer um filme sobre Brasília, é fazer um filme sobre esse Palácio. porque se você for na Brasília que lá minha casa, em Porto Rico, Santa Maria, 15 quilômetro daqui. Desemprego dela e da filha.
- 3) Eu poderia ser uma mulher que mora lá e trabalha aqui na Rodoviária...

ELISÂNGELA:

- 2) um filme sobre Brasília deve falar a distância, a distância dos familiares, a distância de casa pro trabalho.
- 3) Eu vim pra essa cidade pra ganhar a vida, meu sonho é ser funcionária pública. Mas pra realizar esse sonho fiquei distante da família, da Bahia e ainda tem a distância de casa pro trabalho. Eu passo seis horas por dia em deslocamento pra ir trabalhar.

ANTÔNIO:

- 2) deve falar sobre essa enganação de que ser funcionário público é um sonho de vida. Eu nunca quis ser funcionário público e aí me vejo velho e desempregado. Um corpo sofrido, não consigo pagar os alugueis caros..

NADJA:

chegou há pouco tempo em Brasília, e se confunde nos deslocamentos em uma cidade que parece tudo igual. Não sabe onde os caminhos chegam, onde vai dar, onde vai chegar. Sobre os perigos do corpo feminino em trânsito, sobre a questão da mulher no plano.

VANDERLEI:

2) precisa falar sobre a noite nessa cidade, uma noite morta, silenciosa, cheia de marginalidade.

3) meu papel. posso mostrar pra vocês esse submundo marginal e belo.

FIM

ORÇAMENTO

RESUMO FINANCEIRO DO PROJETO									
PROVIMENTO						TIPO DE DESPESA			
						Elaboração	0%	R\$ 0,00	
Provimento para Proponente			18,61%	R\$ 7.440,00		Gestão	10,00%	R\$ 4.000,00	
Provimento para Terceiros			81,39%	R\$ 32.543,60		Divulgação	10,66%	R\$ 4.264,00	
Valor Solicitado ao FAC							R\$ 39.983,60		
Valor das Contrapartidas						17,51%	R\$7.000,00		
PLANILHA ORÇAMENTÁRIA									
Númer o do Item	Descreva o serviço ou a mão-de-obra. Caso o item esteja presente na tabela de referência de preços, usar a descrição constante na tabela.	Em caso de tabela de referência, informe o código do item	Qual a base usou para cotar o valor indicado? Veja opções.	Quem será pago? Veja opções.	Indique a natureza daquele gasto (definições no Edital). Contrapartidas ocorrem às expensas do beneficiário. Verifique as restrições de gastos.	Ex.: pessoas, horas, meses, Kg, serviço, metros, etc.	Quantas vezes a unidade se repete?	Quanto custa uma unidade do item?	Custo total do item
Nº	Descrição	Código	Base de Cotação	Provimento	Tipo de Despesa	Unidade de Medida	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
1	Pesquisa histórica, com entrevistados e com personagens: pesquisador cinematográfico	102	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	4	R\$ 500,00	R\$ 2.000,00
2	Pesquisa: Combustível	139	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	litros	220	R\$ 2,84	R\$ 624,80
3	Roteiro: Roteirista	115	Tabela de Referência	Proponente	Outros	obra	1	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
4	Gestão do projeto: Produtor executivo	109	Tabela de Referência	Terceiros	Gestão	semanas	4	R\$ 400,00	R\$ 1.600,00
5	Filmagem: diretor cinematográfico	52	Tabela de Referência	Proponente	Outros	semanas	4	R\$ 460,00	R\$ 1.840,00
6	Filmagem: diretor de fotografia	56	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	4	R\$ 385,00	R\$ 1.540,00
7	Filmagem: diretor de produção	59	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	4	R\$ 385,00	R\$ 1.540,00
8	Filmagem: assistente de diretor	15	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	4	R\$ 355,00	R\$ 1.420,00
9	Filmagem: técnico de som (com equipamento)	125	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	4	R\$ 460,00	R\$ 1.840,00
10	Filmagem: Câmera DSLR com jogo de lentes e tripé		Orçamentos	Terceiros	Outros	diárias	20	R\$ 360,00	R\$ 7.200,00
11	Filmagem: combustível	139	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	litros	220	R\$ 2,84	R\$ 624,80
12	Filmagem: alimentação	9	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	kg	120	R\$ 17,00	R\$ 2.040,00
13	Montagem: editor cinematográfico com ilha de montagem própria	62	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	p/filme	1	R\$ 1.800,00	R\$ 1.800,00
14	Montagem: diretor cinematográfico	52	Tabela de Referência	Proponente	Outros	semanas	8	R\$ 450,00	R\$ 3.600,00
15	Montagem: Criação de trilha sonora original: compositor	715	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	2	R\$ 800,00	R\$ 1.600,00
16	Finalização de imagem e letreiros: arte-finalista	134	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	1	R\$ 1.200,00	R\$ 1.200,00
17	Finalização de som: sonoplasta	120	Tabela de Referência	Terceiros	Outros	semanas	1	R\$ 850,00	R\$ 850,00
18	Contrapartida 1: Criação de legenda para deficientes auditivos		Orçamentos	Contrapartida	Contrapartida	obra	1	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
19	Contrapartida 2: Circuito de Exibições do filme em escolas públicas e/ou centros culturais		Orçamentos	Contrapartida	Contrapartida	exibição	10	R\$ 600,00	R\$ 6.000,00
20	Divulgação: Designer	167	Tabela de Referência	Terceiros	Divulgação	semanas	2	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00
21	Divulgação: Assessor de imprensa	6	Tabela de Referência	Terceiros	Divulgação	mensal	1	R\$ 1.800,00	R\$ 1.800,00
22	Prensagem de DVD	96,2	Tabela de Referência	Terceiros	Divulgação	unidade	200	R\$ 2,32	R\$ 464,00
23	Prestação de contas: Produtor executivo	109	Tabela de Referência	Terceiros	Gestão	semanas	6	R\$ 400,00	R\$ 2.400,00

CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO E DESEMBOLSO							
Atividade Geral	Descrição	Local	Gasto Envolvido <i>(volume de recursos financeiros utilizado na atividade)</i>	Início		Término	
<i>(ex.: realização da montagem)</i>	<i>(ex.: contratação de equipe, ensaio, oficina)</i>	<i>(RA, espaço físico)</i>		Mês	Semana	Mês	Semana
Etapa de pesquisa: pesquisa histórica, com especialistas e com personagens	A pesquisa será dividida em três etapas, sejam elas: 1) Pesquisa em arquivos públicos e particulares de documentos, mapas e material audiovisual. 2) Pesquisa com especialistas em Arquitetura e Urbanismo, sociólogos, antropólogos, artistas e pesquisadores sobre o tema. 3) Pesquisa de personagens: moradores de Brasília que representem as quatro escalas urbanas propostas por Lucio Costa. Equipe responsável: pesquisador cinematográfico. Gastos com combustível.	Brasília, Núcleo Bandeirante, Planaltina, Vila Telebrasília, Vila Planalto, Águas Claras, Ceilândia, Taguatinga, Estrutural	R\$2.624,80	mês 1	semana 1	mês 1	semana 4
Roteiro	Escrita do roteiro para filmagem a partir das informações levantadas na pesquisa. Equipe responsável: Roteirista	Brasília	R\$2.000,00	mês 1	semana 3	mês 1	semana 4
Produção Executiva	Gestão do projeto. Equipe: Produtor executivo	Brasília	R\$1.600,00	mês 1	semana 1	mês 1	semana 4
Etapa de Filmagens	Registro audiovisual dos personagens e da cidade. Equipe responsável: diretor cinematográfico, assistente de direção, diretor de produção, diretor de fotografia e técnico de som. Aluguel de equipamentos: câmera DSLR com jogo de lentes e tripé (obs. equipamento de som está incluso junto com o serviço do técnico de som). Gastos com combustível e Alimentação.	Brasília e outros locais a definir de acordo com a pesquisa	R\$18.044,80	mês 2	semana 1	mês 2	semana 4
Etapa de Montagem	Decupagem do material bruto e montagem da obra. Criação da trilha sonora original. Equipe responsável: diretor cinematográfico, editor cinematográfico e compositor	Brasília	R\$7.000,00	mês 3	semana 1	mês 4	semana 4
Finalização	Modelagem final com finalização de som, finalização de imagem e letreiros. Equipe responsável: sonoplasta e arte-finalista.	Brasília	R\$2.050,00	mês 5	semana 1	mês 5	semana 2
Contrapartida	Criação de legenda para deficientes auditivos. Circuito de exposições em escolas públicas e/ou centros culturais	A ser definido pelo FAC	R\$7.000,00	mês 5	semana 3	mês 6	semana 2
Divulgação	Execução do Plano de Divulgação: Criação de blog que comporte o processo criativo, produção e circulação do filme. Criação da identidade visual e da peças virtuais para divulgação. Prensagem de DVDs para distribuição em Festivais, Mostrs de Cinema, escolas públicas e/ou centros culturais. Divulgação do projeto nos veículos de comunicação locais e nacionais. Equipe: Assessoria de imprensa e Designer Gráfico.	Distrito Federal e âmbito nacional.	R\$4.264,00	mês 1	semana 1	mês 6	semana 2
Prestação de contas	Produtor Executivo organiza pagamento final de equipe e toda a documentação para prestação de contas	Brasília	R\$2.400,00	mês 5	semana 1	mês 6	semana 2

PLANO DE DIVULGAÇÃO

PLANO DE DIVULGAÇÃO				
Descreva as peças que serão utilizadas para divulgar e comunicar o projeto				
Descreva o que será realizado. Ex.: folder; spot de rádio	Detalhe o formato. Ex.: A4 couchê 120g 4/0 cor; 30"	Informe a quantidade	Informe o meio que será utilizado. Ex.: panfletagem; Rádio Nacional	Onde será veiculado? Ex.: Taguatinga; Distrito Federal
Item / Peça	Formato	Quantidade	Veículo	Distribuição / Praça
Blog	Blog customizado, desenvolvido em uma plataforma livre (wordpress, por exemplo), que será alimentado pela equipe do projeto. Ele mostrará toda a trajetória do filme, desde o seu processo de criação, execução e posterior divulgação. Será contratado um designer para criar a identidade visual do projeto.	1	Internet	Internet
Cartaz virtual	Cartaz de divulgação do filme	1	Internet	Será utilizado para divulgar o filme nas redes sociais e sites especializados.
Flyer virtual	600 x 852px 72dpi RGB colors	1	internet	Será utilizado para divulgar o filmes em sites culturais e redes sociais
Prensagem de dvds	Prensagem DVDs, impressão digital	200	Os DVDs serão distribuídos em, aproximadamente, 30 festivais e mostras de cinema nacionais e internacionais no período de 18 meses. Também serão doadas duas cópias para cada uma das escolas públicas e/ou centros culturais que participarem da contrapartida.	Regiões onde estiverem os estabelecimentos selecionados pelo FAC para a execução da contrapartida. E em âmbito nacional e internacional de acordo com a seleção dos festivais.
Assessoria de imprensa	Jornalista Cultural	1	Será contratado um assessor de imprensa para pautar os veículos de comunicação sobre a produção e exibição do filme e sobre a realização das contrapartidas.	Distrito Federal e nacionalmente.